

CEM ANOS DE DESENVOLVIMENTO E SOLIDÃO NA AMÉRICA LATINA

*Herbert Toledo MARTINS**
*Dhanyane Alves CASTRO***

RESUMO: O presente trabalho é um exercício de interpretação de algumas dimensões da América Latina, a partir do romance *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Márquez. Parte-se da hermenêutica proposta por Paul Ricoeur para a interpretação/ressignificação do mundo do romance. Dessa maneira, pretendemos recontextualizar a referida obra e, por seu intermédio, analisar os impactos e as transformações que o desenvolvimento econômico provoca sobre uma comunidade imaginária e, desse modo, interpretar a América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Hermenêutica. Literatura. Gabriel Garcia Márquez.

Introdução

O objetivo mais geral deste ensaio é o de interpretar algumas dimensões da América Latina, a partir do romance *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Márquez (1967). Acredita-se que o romance nos abre uma janela para entender o mundo em que vivemos. O mundo desse romance é uma representação da realidade, por exemplo, das relações de dependência econômica dos países latino-americanos dos países centrais. Isso fica evidente com o fato de que Macondo depende da exportação de bananas. A economia de Macondo é baseada na

* UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas – BA – Brasil. 44300-000 – herbert.ufrb@gmail.com

** UFBA – Universidade Federal da Bahia. Salvador – BA – Brasil. 40210-730 – dhanyane@yahoo.com.br

monocultura exportadora, o que coloca a aldeia na dependência econômica, por ser um *commodity* agrícola de baixíssimo valor agregado cujo poder de troca é baixo e frágil e, em função dessa dependência, faz dela presa fácil de charlatões como o cigano Melquíades, e do próprio modelo de desenvolvimento agroexportador (MACHADO, 1999; FURTADO, 2000; CARDOSO, 1980). Por ser uma região intensiva de recursos naturais, os produtos latino-americanos apresentam uma proporção muito baixa de capital, tecnologia e trabalho. A agregação de valores do capital e do trabalho aos recursos naturais brutos – ou seja, a sua transformação em produtos acabados ou intermediários – tipicamente se dá em regiões industriais que não coincidem com as áreas extrativistas da América Latina (BUNKER apud DRUMMOND, 2002). Mas o romance também é uma representação do impacto que a indústria da monocultura causa sobre as pessoas derivadas da insalubridade nas condições de trabalho, do não atendimento das condições de segurança e da baixa remuneração, bem como dos impactos sobre a natureza com os desmatamentos e a redução da biodiversidade (SILVA; MARTINS, 2010). Dessa maneira, entendemos que o mundo do romance nos abre a alternativa de compreendermos as transformações e mudanças causadas após a implantação da companhia bananeira em Macondo e, por analogia, a implantação de monocultivos e outras atividades produtivas primárias em diversas regiões da América Latina.

Em todo lugar do planeta por onde ocorrem surtos de desenvolvimento econômico por intermédio seja de plantas industriais ou algum outro tipo de atividade econômica, as consequências são semelhantes às ocorridas em Macondo. Inicialmente, o desenvolvimento econômico provoca a efervescência social caracterizada pela troca intensa que se estabelece entre os homens com o advento da economia monetária (POLANYI, 1980). De acordo com Durkheim (1984), tal efervescência só pode ser produzida no aglutinar das pessoas, ou seja, pela presença da multidão. No seu auge, os surtos econômicos modernos trazem novidades como o automóvel, o gramofone, o aumento da criminalidade, o telefone e o cinema e, na decadência, a solidão. Esta é uma representação semelhante a diversas comunidades espalhadas pela América Latina; que sob a égide da acumulação flexível (HARVEY, 1993) assistem a instalação em suas plantas físicas de empreendimentos e atividades produtivas, tais como fábricas de calçados, usinas hidrelétricas, usinas de açúcar, estradas, mineradoras, indústrias, e que depois de algum tempo vão embora da noite para o dia deixando um passivo trabalhista e social enorme. O mundo do trabalho atacado com o desemprego crescente. Nossa interpretação é que é possível fazer uma análise da América Latina a partir do mundo que o enredo e os personagens de *Cem Anos de Solidão* nos apresentam.

No Brasil, por exemplo, em 15 de janeiro de 2002, a unidade da Parmalat em Itamonte, no Sul de Minas Gerais, foi fechada depois de 24 anos de funcionamento.

Cerca de 300 funcionários foram demitidos e a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do município caiu em um terço. O município, que tinha 12,5 mil habitantes, deixou de arrecadar R\$ 40 mil por mês com o tributo, o que afetou o repasse do Estado (MACIEL, 2002). O grupo Vulcabrás/Azaléia, anunciou em 30 de novembro de 2012 o fechamento de doze fábricas na Bahia. Cerca de 4 mil funcionários foram dispensados com a decisão, segundo os sindicatos da região (ARAUJO, 2012). Na Argentina, em junho de 2012 a fábrica de azeitonas Nucete decidiu fechar suas portas deixando 500 trabalhadores desempregados na cidade de Mendoza (FECHAMENTO..., 2012). A Michelin decidiu fechar duas fábricas na Colômbia em 2013. Serão descontinuadas as operações das unidades de Icollantas em Cali. 486 trabalhadores ficarão desempregados (MICHELIN, 2013).

Nesta perspectiva, nos apropriamos do mundo representado pelo romance, o mundo do autor, da narrativa do autor, para compreender e elaborar nosso próprio mundo; para compreender e descrever a dependência econômica, e o tipo de impacto que o desenvolvimento econômico exerce sobre uma comunidade, as mudanças e as transformações que o desenvolvimento traz para a vida das pessoas. Dessa forma, queremos interpretar a realidade latino-americana na atualidade.

O nosso exercício de hermenêutica é baseado na proposta de Ricouer (1990, 1995), de mundanizar a compreensão, em vez de deixá-la no âmbito da psicologia do autor. Isso quer dizer, por exemplo, que ao ler uma obra, em vez de buscarmos a compreensão da obra no que o autor quis dizer, devemos focalizar o que a obra nos abre como possibilidade para entendermos o mundo. É o meu ser no mundo que será fundamental para que eu compreenda uma obra, e não mais o que o autor teve como intenção ao escrever a obra.

Nesta perspectiva, será possível construir uma interpretação plausível do impacto que o desenvolvimento econômico exerceu sobre Macondo, a aldeia encantada que durante muitos anos existiu sem que os seus habitantes estabelecessem contatos com o exterior, com a economia monetária capitalista; e com todos os tipos de novos hábitos, costumes e representações que o desenvolvimento econômico impõe sobre as pessoas e o seu dia-a-dia.

Do ponto de vista metodológico, vamos nos apropriar livremente do texto do romance e extrair dele, *ipsis litteris*, palavras, frases, períodos e parágrafos inteiros, obtendo, ao final, uma narrativa interpretativa mundanizada (que é nossa, mas que é feita com as próprias palavras de Márquez) de como Macondo deixou de ser uma aldeia de 300 habitantes para se transformar em uma cidade com ares de metrópole, para depois de alguns meses conhecer a decadência. A nossa interpretação via (re)ordenação do romance não é usual, pois colocaremos o texto em

relevo utilizando trechos originais do mesmo. Construiremos a nossa interpretação com a (re)ordenação das palavras do próprio autor. Não estamos preocupados com as intenções do autor, mas por intermédio da sua narrativa, do seu mundo, queremos construir uma narrativa interpretativa que ajude a compreender o nosso mundo. Por intermédio da América Latina narrada e descrita por Márquez pretendemos interpretar a América Latina de hoje.

Este ensaio está dividido em três partes. Inicialmente discute-se a hermenêutica de Ricoeur, que nos oferece um espaço maior como leitor intérprete para realizar o exercício hermenêutico de (re)significar a obra de um grande escritor latinoamericano, a partir de tudo aquilo que no romance foi significativo para nós. Em seguida, por intermédio de trechos originais do romance, (re)ordenamos a narrativa e o mundo do autor, construindo a partir da obra uma representação do processo que narra o impacto do desenvolvimento econômico sobre Macondo. Ressaltamos que nos apropriaremos do texto livremente, construindo uma interpretação da inauguração, do auge e da decadência que o processo de desenvolvimento econômico exerceu sobre a cidade imaginária do romance. Ao longo dessa (re)ordenação quase que visceral da obra do autor, alinhavamos o texto de modo a torná-lo um todo coerente, isto é, um discurso ou uma narrativa das diversas consequências que o desenvolvimento econômico latino-americano dependente exerce sobre as comunidades. Nesse sentido, os trechos originais do romance utilizados estarão entre aspas – e as nossas intervenções estarão em colchetes negritos –, no intuito de separar graficamente o que é escrito pelo autor e o que é escrito por nós. Finalmente, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

A hermenêutica de Paul Ricoeur

Segundo Paul Ricoeur (1976, p.17) “[...] a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos.” Ou seja, “[...] hermenêutica é interpretação orientada para textos.” (RICOEUR, 1976, p.37). Lembramos que o autor pensa a ação humana, objeto de pesquisa das ciências humanas de uma maneira geral, carregada em sua estrutura da mesma plausibilidade de ser compreendida pela hermenêutica dialética, já que se assemelha à estrutura de um texto.

O compreender para Ricoeur (1976) não se dirige ao conhecimento dos fatos, mas à sua possibilidade de ser. Compreender um texto não é desnudar um sentido inerte que estaria contido no texto, mas revelar a possibilidade de ser indicado pelo texto. Sendo fiel a Heidegger, Ricoeur (1976, p.33) formula: “[...] seremos fiéis ao

compreender heideggeriano que é, essencialmente, um projetar ou, de modo mais dialético e mais paradoxal, um projetar num ser-lançado prévio.”

Ricouer (1976) afirma que um psiquismo estranho dominava as ciências do espírito, da psicologia à história. Para o autor é extraordinário que a compreensão não esteja baseada na relação do ser no mundo. “Não se trata de ser-com um outro, que duplicaria nossa subjetividade, mas de ser-no mundo.” (RICOEUR, 1976, p.32). A linguagem e a vivência estão mediadas pela interpretação. A interpretação faz essa mediação por meio do distanciamento, da apropriação, da explicação e da compreensão.

A proposta de Ricouer (1976) é mundanizar a compreensão em vez de deixá-la no âmbito da psicologia do autor. Isso quer dizer, por exemplo, que ao ler uma obra, em vez de buscarmos a compreensão da obra no que o autor quis dizer, devemos nos focar no que a obra nos abre como possibilidade para entendermos o mundo. É o meu ser no mundo que será fundamental para que eu compreenda uma obra, e não mais o que o autor teve como intenção ao escrever a obra. Ricouer (1976) afirma que com o discurso escrito, a intenção do autor e o significado do texto deixam de coincidir.

O outro, no caso o autor, não desaparece da teoria da hermenêutica de Ricouer, ele passa a ter um lugar diferenciado na compreensão do texto. Se antes esse outro era eixo central na compreensão de um texto, ele agora é parte de uma dialética que engendra a compreensão. A despsicologização da interpretação não significa que a noção de significado autoral tenha desaparecido. Se desaparecesse, Ricouer afirma que ele estaria trocando a falácia intencional, quando a intenção do autor importa, pela falácia do absoluto, em que o texto é uma entidade sem autor. Qualquer uma dessas falácias existe em detrimento da não dialética entre evento e sentido. “A autonomia semântica do texto torna a relação do evento e significação mais complexa e, nesse sentido, revela-a com uma relação dialética.” (RICOEUR, 1976, p.42).

Ricouer (1976) entende que o texto é autônomo, aberto e polissêmico. A autonomia do texto é responsável pela abertura de potenciais leitores, criando o auditório do texto. Por outro lado, a reposta do auditório é que dá significação, tornando-o importante. A polissemia e a abertura do texto estão diretamente vinculadas ao estabelecimento de referências para leitor. Ao falarmos de referência em Ricouer, somos levados a explanar a diferença entre sentido e referência para o autor.

Paul Ricoeur (1976) defende a dialética subjetiva-objetiva (evento e significação) no significado do discurso, contudo afirma que essa dialética não esgota a estrutura do discurso. O lado objetivo, referente à significação presente

na predicação, pode se apresentar de dois modos diferentes. O primeiro modo é o sentido, procura significar o que do discurso. O segundo modo é a referência, procura significar o acerca de que do discurso. Podemos distinguir o que é dito do que acerca do que se diz.

Como a linguagem em Ricouer não é entendida como um sistema fechado, em que os signos se referem a outros signos dentro do próprio sistema, a referência, o acerca de que, possibilita que a linguagem seja dirigida para fora de si mesma. O sentido está relacionado à função de identificação e à predicação no interior do discurso, e a referência relaciona a linguagem ao mundo. “A noção de trazer a experiência é a condição ontológica da referência” (RICOEUR, 1976, p.31-32). Dessa maneira, a referência pode resultar em diferentes interpretações, e até mesmo em interpretações conflitantes.

Outra contribuição importante de Paul Ricouer (1976) é a defesa de uma dialética entre a explicação e a compreensão nas ciências do espírito. Para Paul Ricouer (1976, p.85) “Compreender o sentido de um locutor e compreender o sentido da enunciação constituem um processo circular.” A compreensão e a explicação são fases de um único processo. É plausível se pensar num movimento que vai da compreensão para a explicação, ou seja, da conjectura para a validação e outro movimento da explicação para a compreensão.

A dialética entre a compreensão e a explicação defendida por Ricouer (1976), nos leva também a perceber, que o autor siga o mesmo caminho ao discutir a dualidade entre método e verdade nas ciências do espírito. Afinal, a explicação seria o caminho quando desejamos andar sobre os trilhos da objetividade e alcançá-la nas ciências do espírito. O método seria o responsável por levar a análise explicativa à objetividade. Já a compreensão seria recomendada quando o que se busca alcançar a verdade, a “densidade ontológica da realidade a ser estudada” (RICOEUR, 1990, p.43). Ricouer (1990) acredita que verdade e método não são dois processos que se dão de maneira separada e excludente. Assim como a compreensão e a explicação, são faces de um mesmo processo.

Voltemos à ponderação que fizemos anteriormente: afinal de contas, como devemos, após já sabermos que a compreensão e explicação não são dois contrários, ler um texto e buscar seu significado? Vimos que Ricouer é contrário à busca da intenção do autor para chegarmos ao significado de um texto. Segundo Paul Ricouer (1990) o texto escrito faz com que o mundo do autor seja posto em relevo, e não sua intenção. O texto deve descontextualizar-se de tal forma que seja recontextualizado numa nova situação. O leitor do texto tem papel fundamental nessa recontextualização.

A (re)ordenação e (re)contextualização do romance

“Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas, que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes. As casas dos 300 habitantes eram todas semelhantes. Tinha uma saleta ampla e bem iluminada, uma sala de jantar em forma de terraço com flores de cores alegres, dois quartos, um quintal com um castanheiro gigantesco, um jardim bem plantado e um curral onde viviam os cabritos e porcos e as galinhas. As casas estavam posicionadas de tal modo que a partir de cada uma se podia chegar ao rio e se abastecer de água com o mesmo esforço; e as ruas eram traçadas com tanta habilidade que nenhuma casa recebia mais sol que a outra na hora do calor, de modo a que ninguém desfrutasse de privilégios que possuíssem todos. Era na verdade uma aldeia feliz, onde ninguém tinha mais de trinta anos e onde ninguém ainda havia morrido.”

[Nessa época os habitantes de Macondo eram pessoas muito simples e desconheciam ainda os progressos da ciência, e] “as máquinas de bem-estar. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo. Crenças religiosas e magia habitavam a cabeça daquela gente.” **[As evidências mais contundentes da simplicidade dos habitantes da Macondo, recaem, por exemplo, nas demonstrações públicas daquilo que o]** “cigano Melquiádes apresentava todos os anos como sendo a oitava maravilha dos sábios **alquimistas** da Macedônia,” **[o imã, o gelo, a lupa e a dentadura.]**

[Macondo e seus habitantes estavam isolados do contato com o mundo exterior, conservando um primitivismo endêmico. Macondo conhece a rota do comércio exatamente no dia em que Úrsula Iguarán, a matriarca dos Buendias, descobriu a ausência do seu José Arcádio que] “entrou para cigano” indo embora com a farândola dos ciganos.” **[Iniciou a busca pelo filho perguntando]** “por onde tinham ido os ciganos. Continuou perguntando no caminho que lhe indicaram, e pensando que ainda havia tempo de alcançá-los, continuou se afastando da aldeia, até que teve consciência de estar tão longe que já não pensou mais em voltar. De repente, quase cinco meses depois do seu desaparecimento, Úrsula voltou.” **[Ao retornar trouxe uma]** “multidão. Não eram ciganos. Eram homens e mulheres (...) de cabelos lisos e pele parda (...) que traziam mulas carregadas de coisas de comer, carroças de bois com móveis e utensílios domésticos, puros e simples acessórios terrestres postos à venda sem estardalhaço pelos mercadores da realidade cotidiana. Vinham do outro lado do pântano, de apenas dois dias de viagem, onde existiam povoados que recebiam o correio todos os meses e conheciam as máquinas do bem-estar. Úrsula não tinha alcançado os ciganos, mas encontrara a rota que seu marido não tinha podido descobrir na sua frustrada busca das grandes invenções.”

“Com a multidão trazida por Úrsula, Macondo estava transformada. As pessoas que tinham vindo com Úrsula divulgavam a boa qualidade do solo e a sua posição privilegiada em relação ao pântano, de modo que a reduzida aldeia de outros tempos transformou-se logo num povoado ativo, com lojas e oficinas de artesanato, e uma rota de comércio permanente por onde chagaram os primeiros árabes de pantufas e argolas nas orelhas, trocando colares de vidro por papagaios.”

[Com o estabelecimento de um mercado constante e movimentado, dezenas de forasteiros passavam diariamente por Macondo, e com isso uma nova concepção de tempo inaugura-se em Macondo.] “Nosso herói José Arcadio Buendia mandou libertar os pássaros das gaiolas e instalou em seu lugar relógios musicais de madeira trabalhada que os árabes trocavam por papagaios.” **[O tempo agora é outro, não mais regulado pela natureza, mas organizado pelo relógio, instrumento que sincroniza, organiza e mede o tempo do trabalho. Pouco a pouco os “moinhos satânicos” da economia monetária anunciavam o domínio da racionalidade científica moderna. José Arcádio Buendia, por exemplo,]** “se aferrou em não admitir meandros retóricos nem transmutações de chocolate, e exigiu como única prova o daguerreótipo de Deus. Ofereceram a ele medalhas e figurinhas de santos, mas José Arcádio Buendia repeliu-os por serem objetos artesanais sem fundamento científico. Deslumbrado com tantas e tão maravilhosas invenções, o povo de Macondo não sabia por onde começar a se espantar.” **[A loja de Pietro Crespi]** “ocupava agora quase um quarteirão. Lâmpadas elétricas alimentadas pelo gerador que Aureliano Triste trouxera na segunda viagem do trem e a cujo obsessivo tultum custou tempo e trabalho se acostumar”.

[O desenvolvimento sempre traz novidades e com ele o cinema chegou a Macondo. As pessoas] “indignaram-se com as imagens vivas que o próspero comerciante Sr. Bruno Crespi projetava no teatro de bilheterias que imitavam bocas de leão, porque um personagem morto e enterrado num filme, e por cuja desgraça haviam derramado lágrimas de tristeza, reapareceu vivo e transformado em árabe no filme seguinte. O público, que pagava dois centavos para partilhar das vicissitudes dos personagens, não pode suportar aquele logro inaudito e quebrou as poltronas. O alcaide, por insistência do Sr. Bruno Crespi, explicou num decreto que o cinema era uma máquina de ilusão que não merecia os arroubos passionais do público. Diante da desalentadora explicação, muitos acharam que tinham sido vítimas de um novo e aparatoso negócio de cigano, de modo que optaram por não voltar ao cinema, considerando que já tinham o suficiente com os seus próprios sofrimentos para chorar por infelicidades fingidas de seres imaginários.”

“Os Gramofones de manivela substituíram os antigos realejos. Telefones instalados. Desde que a estrada de ferro foi inaugurada oficialmente e o trem começou a chegar com regularidade toda quarta-feira às onze, e que se construiu

a primitiva estação de madeira com um escritório, o telefone e um guichê para vender as passagens. Entre as pessoas que não paravam de chegar, numa das tantas quartas-feiras, chegou a Macondo e almoçou em casa o rechonchudo e sorridente Mr. Herbert. Com Mr. Herbert chegou um grupo de engenheiros, agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores e advogados com seus cães farejadores.”

“Não houve, entretanto, muito tempo para pensar no assunto, porque os desconfiados habitantes de Macondo mal começavam a se perguntar que diabo era o que estava acontecendo, quando já a aldeia se tinha transformado num acampamento de casas de madeira com tetos de zinco, povoado por forasteiros que chegavam de meio mundo no trem, não só nos bancos e nos estribos mas até no teto dos vagões. Os americanos fizeram uma aldeia à parte do outro lado da linha do trem, com ruas orladas de palmeiras, casas com janelas com tela metálica.”

[Esses engenheiros e agrônomos provocaram profundas mudanças em Macondo, na verdade, causaram] “um transtorno colossal, muito mais perturbador que o dos antigos ciganos. Dotados de recursos que em outra época estavam reservados à Divina Providência, modificaram o regime das chuvas, apressaram o ciclo das colheitas, e tiraram o rio de onde sempre esteve e o puseram (...) no outro extremo da povoação. Para os forasteiros que chegavam sem amor, transformaram a rua das carinhosas matronas da França num povoado mais extenso que o outro e, numa quarta-feira gloriosa, trouxeram um trem carregado de putas inverossímeis, fêmeas babilônicas adestradas em recursos imemoriais e providas de toda espécie de unguentos e dispositivos para estimular os inertes, despertar os tímidos, saciar os vorazes, exaltar os modestos, desenganar os múltiplos e corrigir os solitários.”

“A Rua dos Turcos, enriquecida com luminosos armazéns de comestíveis que expulsaram as velhas feiras de canários-da-terra, regurgitava nas noites de sábado com as multidões de aventureiros que se atropelavam entre as mesas de jogo, os balcões de tiro ao alvo. Foi uma invasão tão tumultuada e intempestiva que nos primeiros tempos era impossível andar na rua com o estorvo dos móveis e dos baús e com o trançar da carpintaria dos que erguiam as suas casas em qualquer terreno vazio sem a autorização de ninguém.”

“Tantas mudanças ocorreram em tão pouco tempo que oito meses depois da visita de Mr. Herbert os antigos habitantes de Macondo se levantavam cedo para conhecer a sua própria aldeia.”

- “olhem a confusão em que nos metemos – costumava então dizer o Coronel Aureliano Buendia – só por termos convidado um americano para comer banana.”

“Mais de um ano se passara desde a visita do Mr. Herbert e a única coisa que se sabia era que os americanos pretendiam plantar bananeiras na região.” **[Com a chegada da Companhia bananeira]** “um povoado que da noite para o dia se”

[transformou] “num lugar de perigo. O primeiro automóvel chegara a Macondo – um conversível alaranjado com uma buzina que espantava os cães com os seus latidos” – **[enquanto]** “fechado na oficina, o Coronel Aureliano pensava nessas mudanças.”

“Os operários da companhia estavam amontoados em barracos miseráveis. Os decrepitos advogados vestidos de negro, que em outros tempos tinham assediado o Coronel Aureliano Buendia e que agora eram procuradores da companhia bananeira, desvirtuavam a função com arbitrariedades que pareciam passes de mágica. Quando os trabalhadores redigiram uma lista de pedidos unânimes, muito tempo se passou sem que pudessem notificar oficialmente a companhia bananeira. Cansados (...) os trabalhadores repudiaram as autoridades de Macondo e subiram com as suas queixas aos tribunais supremos. Foi lá que os ilusionistas do direito demonstraram que as reclamações careciam de toda validade, simplesmente porque a companhia bananeira não tinha, nem tinha tido nunca nem teria jamais, trabalhadores a seu serviço, mas sim que os recrutava ocasionalmente e em caráter temporário.” **[Uma forma de trabalho precarizado chega a Macondo e com ela a greve dos trabalhadores].**

[A companhia bananeira informou que negociaria com os trabalhadores quando passasse a estação chuvosa.] “A grande greve estourou. Os cultivos ficaram pelo meio, a fruta apodreceu no pé e os trens de cento e vinte vagões ficaram parados nos desvios. Os operários ociosos atulhavam as aldeias. O exército tinha sido encarregado de restabelecer a ordem pública. A Lei Marcial facultava ao exército assumir funções de árbitro da controvérsia, mas não se fez nenhuma tentativa de conciliação. Imediatamente após se exibirem em Macondo, os soldados puseram de lado os fuzis, cortaram e embarcaram as bananas e movimentaram os trens. Os trabalhadores, que até então se haviam conformado com esperar, atiraram-se ao mato sem mais armas que os seus facões de trabalho, e começaram a sabotar a sabotagem. Incendiaram fazendas e armazéns, destruíram os trilhos para impedir o trânsito dos trens, que começaram a abrir caminho a fogo de metralhadora, e cortaram os fios do telégrafo e do telefone. Os canais de irrigação tingiram-se de sangue. A situação ameaçava evoluir para uma guerra civil desigual e sangrenta quando as autoridades fizeram um apelo aos trabalhadores para que se concentrassem em Macondo. O apelo anunciava que o chefe civil e militar da província chegaria na sexta-feira seguinte, dispostos a interceder no conflito.”

(...) “mais de três mil pessoas, entre trabalhadores, mulheres e crianças, tinham atulhado o espaço descoberto em frente da estação e se apertaram nas ruas adjacentes, que o exército fechara com filas de metralhadoras.” **[E com]** “três artigos de oitenta palavras **[o governo]** classificava os grevistas de quadrilha de malfeitores e facultava ao exército o direito de matá-los a bala.” **[O massacre sobreveio]**, “porque os cadáveres tinham a mesma temperatura do gesso no outono e a sua

mesma consistência de espuma petrificada, e os que os tinham colocado no vagão tiveram tempo de arrumá-los na ordem e no sentido em que se transportavam os cachos de banana. Os operários tinham obedecido à ordem de evacuar a estação e se dirigiram para as casas em caravanas pacíficas. A comunicação informava também que os dirigentes sindicais, com um elevado espírito patriótico, tinham reduzido as suas reivindicações a dois pontos: reforma de serviços médicos e construção de latrinas nas viviendas.”

“Choveu durante quatro anos, onze meses e dois dias (...) o céu desmoronou-se em tempestades de estrupício e o Norte mandava furacões que destelhavam as casas, derrubavam as paredes e arrancavam pela raiz os últimos talos das plantações. A companhia estava botando a abaixo os seus ambulatórios para levá-los para as terras de estigem. Macondo estava em ruínas, nas valas das ruas restavam móveis espedaçados, esqueletos de animais cobertos de lírios vermelhos, últimas lembranças das hordas de imigrantes que tinham fugido de Macondo tão atabalhoadamente como tinham chegado.”

“As casas erguidas com tanta urgência durante a febre da banana tinham sido abandonadas. A companhia bananeira desmantelara as suas instalações. Da antiga cidade cercada só restavam os escombros”. Os sobreviventes da catástrofe, os mesmos que já viviam ali antes que Macondo fosse sacudido pelo furacão da companhia bananeira, estavam sentados no meio da rua gozando os primeiros sóis. Também por essa época voltaram os ciganos, os últimos herdeiros da ciência de Melquíades, e encontraram o povoado tão acabado e seus habitantes tão afastados do resto do mundo que tornaram a entrar nas casas arrastando ferros imantados, como se na verdade fossem a última descoberta dos sábios babilônicos, tornaram a concentrar os raios solares com a lupa gigantesca e não faltou quem ficasse de boca aberta vendo caírem as painéis e rolarem os caldeirões e quem pagasse cinquenta centavos para se assombrar com uma cigana que tirava e botava a dentadura postiça.”

Considerações finais

Ao longo deste ensaio buscamos ler o romance *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Márquez, como um exercício para interpretar algumas dimensões da América Latina. Baseando-nos na hermenêutica de Paul Ricoeur, recontextualizamos a obra para, através dela, interpretarmos a realidade do nosso mundo. Para tanto, procuramos, a partir de trechos copiados do próprio romance, construir uma interpretação plausível da dependência econômica configurada pela indústria da banana, e do processo de inauguração, auge e decadência do desenvolvimento econômico e as consequências que o mesmo exerceu sobre Macondo. No nosso

entender, o romance abre a possibilidade de refletirmos sobre as semelhanças existentes entre Macondo e diversas cidades espalhadas pela América Latina e pelo mundo afora.

Nosso entendimento é de que a cidade imaginária de Macondo, tal como interpretada e descrita por nós na seção acima, conhece um surto de desenvolvimento econômico provocado por atividades produtivas e industriais baseadas no extrativismo e na monocultura, no caso, a banana. Neste aspecto, a nossa interpretação é a de que Macondo é uma representação em miniatura de regiões extensas da América latina, cuja base econômica está assentada na monocultura e na produção de bens primários. A indústria da banana é exemplar da dependência econômica e tecnologicado Continente. Continuamos a exportar bananas (*commodity* agrícola de baixíssimo valor agregado) e importar tecnologia, tal qual Macondo.

Nessa perspectiva, as possibilidades de analogias com o que ocorre com a América Latina que o romance – ou melhor, que a interpretação e descrição que fizemos do mesmo –, possibilita são inúmeras. A América Latina pode ser interpretada como uma região que se integra à economia monetária, ao mundo capitalista, de maneira dependente. Sem conhecimento e informações e ainda sob o domínio da magia e da religião, as suas lideranças compram das mãos do cigano Melquíades as últimas maravilhas dos sábios da Macedônia: o gelo, a lupa, o imã e a dentadura. A nosso ver, é uma sátira da ingenuidade dos nossos acordos comerciais que vendem matéria prima e compram produtos industrializados. E achamos que estamos fazendo um negócio da china.

Finalmente, outra analogia possível, por exemplo, é uma das consequências inevitáveis do desenvolvimento econômico – o surgimento dos trabalhadores organizados em sindicatos. Contudo, o tratamento dispensado aos trabalhadores pelo governo de Macondo, como vimos, é o da bala e do extermínio dos sindicalistas. O que significa isso? Como interpretar essa passagem do romance em que a grande greve estourou, sem nos referirmos ao tipo de tratamento dispensado aos trabalhadores latino-americanos por suas elites, ao receituário histórico de tantos governos do Continente que deitam a chibata sobre os trabalhadores, quando não os matam ou jogam no desemprego. Os exemplos são inúmeros, entre eles constam o massacre de Santa Maria de Iquique no Chile em 1907 (BARBOSA, A., 2015). O massacre de Eldorado dos Carajás no Brasil (MASSACRE..., 2015) e o uso do exército contra grevistas (BARBOSA, B., 2015). Por tudo isso, concluímos que é possível interpretar a América Latina a partir de *Cem Anos de Solidão*.

**ONE HUNDRED YEARS OF SOLITUDE AND
DEVELOPMENT IN LATIN AMERICA**

ABSTRACT: *The present work is an exercise in interpretation of some dimensions of Latin America, from the novel One Hundred Years of Solitude, by Gabriel Garcia Marquez. It is based on the hermeneutic proposed by Paul Ricoeur to interpret / reframe the world of the novel. In this way, we intend to re-contextualize such works and, through his theories, to analyze the impacts and changes that economic development causes on an imaginary community and, through such analysis, find an interpretation of Latin America.*

KEYWORDS: *Development. Hermeneutics. Literature. Gabriel Garcia Marquez.*

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, K. Fechamento de 12 filiais da vulcabras-azaleia poderá ser anunciado ao meio-dia. **Blog Itororó Já**, 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://itororoja.com.br/fechamento-de-12-filiais-da-vulcabras-azaleia-podera-ser-anunciado-ao-meio-dia>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

BARBOSA, A. **Massacre em Santa Maria de Iquique completa cem anos de solidão**. Disponível em: <http://www.latinoamericano.jor.br/memoria_viva_iquique.html>. Acesso em: 08 jun. 2015

BARBOSA, B. Em 1999, Brasil enfrentava greve dos caminhoneiros e FHC colocou o exército contra trabalhadores. **MPortal**. Disponível em: <<http://www.portalmetropole.com/2015/03/em-1999-brasil-enfrentava-greve-dos.html>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

CARDOSO, F. H. **As ideias e seu lugar**: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1980.

DRUMMOND, J. A. Natureza rica, povos pobres? questões conceituais e analíticas sobre o papel dos recursos naturais na prosperidade contemporânea. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.5, n.10, p.1-24, 2002.

DURKHEIM, E. **A divisão do trabalho social**. 2.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

FECHAMENTO de fabrica argentina de azeitonas aumenta tensão no Mercosul. **O Globo**, 29 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/fechamento-de-fabrica-argentina-de-azeitonas-aumenta-tensao-no-mercosul-5352420>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

FURTADO, C. **Introdução ao desenvolvimento**: enfoque histórico-estrutural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MACIEL, R. C. **Parmalat fecha unidade em Itamonte, no sul de Minas**. 15 jan. 2002. Disponível em: <<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/itamonte/conversations/messages/668>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

MACHADO, L. T. A teoria da dependência na América Latina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.13, n.35, p.199-215, jan./abr. 1999.

MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eliane Zugary. 33.ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MASSACRE de Eldorado dos Carajás. **Wikipédia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Eldorado_dos_Carajás>. Acesso em: 08 jun. 2015

MICHELIN fecha duas fábricas na Colômbia. **Transporte Press**, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.transportepress.com/site/michelin-fecha-duas-fabricas-na-colombia/>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

RICOEUR, P. Tempo e narrativa: a tríplice mimese. In: _____. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1995. p.85-131, T.2.

_____. **Interpretação e ideologias**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: 70, 1976.

SILVA, M. A. de M.; MARTINS, R. C. A degradação social do trabalho e da natureza no contexto da monocultura canavieira paulista. **Sociologias**, Porto Alegre, v.12, n.24, p.196-240, maio/ago. 2010.

Recebido em 02/09/2013.

Aprovado em 23/04/2015.